

DESCOLONIZAR AFETOS - CAOS, CONCOMITÂNCIA E MOVIMENTO: UM DIÁLOGO¹ ENTRE FERNANDA MARTINS E GENI NUÑEZ

Fernanda Martins²

Geni Nuñez³

DOI: 10.29327/2282886.8.1-20

Se, como Lacan diz,

“tudo que o sujeito diz depois do ‘eu sou’ é mentira”
arrisco aqui algumas verdades provisórias. (G.N.)

Fernanda Martins (FM)- *No percurso das suas pesquisas e intensa dedicação ao ativismo, tens estabelecido uma reflexão crítica sobre inúmeros debates que tomam como centro a descolonização. Parece haver um lugar particular para pensá-la, como definição, como "uma desordem, um caos, porque a ordem e a normalidade são características da colonização, de que a descolonização, quando se efetiva, produz justamente a desordem absoluta" (NUÑEZ, 2023, p 17). Poderias nos explicar de que modo a descolonização enquanto desordem e caos, abre espaço para a produção de novas formas de vida ou para reestabelecer um olhar cuidadoso para outros modos de vivência já em curso, que não os impostos pela produção colonial?*

Geni Nuñez (GN) - Obrigada por esta troca! Fico muito honrada em fazer parte deste espaço. Então, das inspirações que tenho para essa discussão, assinalo em especial o trabalho de Frantz Fanon, inclusive essa frase sobre a desordem que a descolonização pode trazer é uma paráfrase dele. Junto de Fanon (1968), Mestre Bispo (2015) e Sandra Benites (2015) são também grandes companhias para essa caminhada. Como lembra a parenta Sandra, nossa

¹ Adotamos a ideia de diálogo como constitutiva a esse processo de escrita, pensando que as perguntas aqui formuladas, que foram propostas por Fernanda Martins, não são possíveis de arriscarem por si só qualquer autoria individual. Cada palavra e expressão ali implicadas reverberam desde antes as palavras que nos são dadas, fornecidas por tantas outras. E, em especial, o pensamento possível para formular a própria ou qualquer interrogação é desde antes resultado direto e inspirado nas reflexões críticas da própria Geni Nuñez, responsável pelas respostas aqui apresentadas.

² Fernanda Martins é feminista e cofundadora do Coletivo Território em Justiça Social, é também professora do Departamento de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Doutora em Ciências Criminais pela PUCRS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9444-120X>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4258827931942666>.

³ Geni Nuñez é ativista indígena guarani, psicóloga e escritora. Possui mestrado em Psicologia Social (UFSC) e doutorado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Atualmente cursa pós-doutorado no Instituto de Estudos Avançados na USP. É membro da Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos/as (ABIPSI), membro da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e co-assistente da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY).

entrada e presença como indígenas na universidade não é para sermos simplesmente ornamentais neste espaço, para favorecermos alguma estética de conciliação e de “democracia racial” na academia, mas sobretudo para desordená-la, desorganizá-la. Como diz o parente Anastácio Peralta Kaiowa (2017), em espaços hegemônicos, como a academia, esperam de nós, indígenas, que entremos lá apenas para repetir e replicar o pensamento e o modo de vida colonial, mas nossos saberes também são tecnológicos. A pregação colonizadora não está apenas na igreja, de forma indireta, os cultos também podem ocorrer nas universidades, na indústria cultural, por todo lado. Portanto, uma certa desconfiança com esse ordenamento do mundo é, a meu ver, um passo fundamental para a descolonização. Essa não é uma tarefa fácil, uma vez que desconfiar daquilo que fomos a vida toda orientamos a crer, obedecer, replicar pode ser sentido como uma bagunça, um caos. Aliás, o próprio gesto de desconfiança já pode ser categorizado como um pecado, uma blasfêmia, uma heresia.

Tenho pontuado que a colonização talvez seja menos sobre aquilo que explicitamente se apresenta como da ordem do ódio, da raiva e muito mais sobre o que se anuncia em nome do amor, do bem, da família, da caridade, da salvação. Em minha perspectiva, esse vocabulário tem sido uma das grandes armas da continuidade colonial, justamente porque por ele muitas violências passam despercebidas. Essa sedução que a moral traz busca justamente nos fazer seguir apostando nos mesmos valores coloniais, crentes de que, “no fundo” são bons, que foram apenas desvirtuados de uma razão boa anterior. É esta fé que nos impulsiona a repetir esses mesmos modelos normativos, acreditando que o problema deles estaria apenas em erros de execução individuais, não em sua própria matriz.

Tentarei ilustrar brevemente esta questão em alguns exemplos: quando uma casa de reza de nosso povo é queimada por motivos de racismo religioso, é comum que se diga que os praticantes dessa violência seriam “falsos cristãos” e que estes humanos teriam agido de forma “desumana”. Quando o governo não responsabiliza ninguém por essas violências, dizem que este seria um “desgoverno”; quando a polícia age com brutalidade e violência, afirmam que a polícia “deveria” agir pela segurança da população, que cometeu ali um “excesso”. Em outras palavras, toda a violência praticada por cristãos, pelo Estado e seus governos, pela polícia, pela família, pela igreja são vistas como desvios do que essas instituições deveriam ser realmente. Mantendo, portanto, uma crença de que o que antecede tais violências seria algo bom, bonito, amoroso, saudável. Um convite que faço em meu trabalho é justamente para revisarmos esse tipo de narrativa, considerando como hipótese o fato de que talvez a “falha” e a demora do Estado em garantir os direitos que promete não

sejam exemplos pontuais, mas que esta suposta exceção é, em verdade, a ordem, como pontuam estudiosos como Mbembe (2018).

A desordem da descolonização implicaria também nesta postura de colocarmos sob suspeita essa essencialização positiva acerca do cristianismo, da monogamia, do Estado, da família e as demais instituições que organizam o sistema colonial. Com isso, não quero dizer que todas estas instituições seriam “más”, pois este seria repetir o mesmo movimento moral que critico, o convite é para tentarmos, como diz Nietzsche (1999), ir além do bem e do mal. Criticar esta moral dominante não seria apenas uma tarefa de criticar o mal, o inferno, o ódio, mas constatar que eles são o exterior que constitui toda a propaganda de bem, de céu, de amor.

Aquilo que se impõe como universal vê como ofensa qualquer movimento de questionamento, já que só existiria um único caminho, uma única verdade, uma única vida. Mexer neste cimento pode trazer essa sensação de caos, mas penso que a gente não fica sem chão quando remove o cimento dessas certezas, é o contrário.

Eu gosto da ideia de caos também nesse sentido de uma experimentação sem uma origem e um destino fixos, sem caminhos pré-destinados. Em "Gaia Ciência" Nietzsche (2001) comenta do caos como um jogo, como um espaço possível de invenção e criatividade no qual não teríamos a arrogância de pressupor o resultado. O professor Roberto Machado (2021) dizia que a “morte de Deus” em Nietzsche seria um passo importante para a libertação justamente porque se este Deus seria o único criador e todos os demais seres seriam apenas criaturas, então estas só poderiam ser também criadoras se o matassem, simbolicamente, se o destituíssem deste supremo poder.

Nessa dimensão de criatividade e invenção, o caos e o jogo também podem ser compreendidos como uma brincadeira, como um fazer desprendido de um grande objetivo final. Sobre isso, eu tenho muito carinho por uma das narrativas que nosso povo traz, nela, como comenta o parente guarani mbya Silvones Martins (2015), Nhanderu (uma de nossas entidades criadoras) gostava de brincar com peteca. A brincadeira, o faz-de-conta, criam jogos e roteiros artesanais que nos colocam em cena como co-criadores, como seres que podem criar brincando.

Como lembrava Mestre Bispo (2015), “tudo que é reto mente”. Em algumas igrejas cristãs se nomeia como “desviado” aquele que desobedece a heteronorma pregada e eu fico pensando que, muitas vezes, essa falha, esse fracasso são a coisa mais bonita que poderia nos acontecer.

FM - *Nesse sentido, podemos dizer que as reflexões e as práticas que estabelecem potencialidades estão nas experiências contracoloniais? O que isso significa e quais são as possibilidades que encontramos aí?*

GN - Em minha pesquisa de doutorado, analisei diversas cartas jesuíticas, nas quais acompanhei relatos dos missionários sobre as práticas de desbatismo que o povo guarani praticava, desde 1600 (Núñez, 2022). Há cenas em que, por meio de rezos em cantos e danças, as lideranças espirituais entravam nas igrejas cristãs e convidavam os parentes a que saíssem dali, que ouvissem o chamado da arte/espiritualidade e se lembrassem de que o deus dos colonizadores não era universal, nem maior nem melhor que nossas cosmogonias. Um dos gestos do desbatismo era justamente a devolução dos nomes em guarani e aqui lembro novamente de Mestre Bispo, quando dizia que o colonialismo nomeia tudo aquilo que quer dominar. Repensarmos essas nomeações, para além de um capricho qualquer, é revisar também os mundos que gostaríamos de viver. É ter a coragem de examinar com rigor as ofertas deste sistema e, ainda que, como dito, sejam anunciadas como bem, amor, respeito, fidelidade, confiança, que possamos ainda sim dizer, deste amor eu não quero, essa salvação eu dispenso, essa confiança eu quebro.

As práticas contracoloniais não ficaram apenas em 1600, seguem até hoje em nossos povos e assim continuarão enquanto não formos todos convertidos, enquanto tivermos a memória e o pertencimento ancestral a nossos modos de vida e espiritualidade. Recentemente estive com uma anciã nhandeva, dona Teresa, ela tem sido uma das lideranças espirituais a revigorar, a retomar um ritual que há décadas estava silenciado. No ritual do Nhemongarai, que é o de nomeação das crianças com nomes sagrados guarani, essas anciãs continuam praticando o desbatismo. Em cada retomada de território que foi invadido pela colonização, nossos povos retomam não apenas a terra, em um sentido literal, mas também retomam o direito ao sonho, à poesia, à alegria. Por isso que concordo com Michel Foucault (2010) quando ele dizia que não é preciso ser triste para ser ativista. É evidente que não podemos esquecer de nomear as violências, as dores, as angústias, mas tão importante quanto elas, é cultivar aquilo que nos brilha os olhos, que nos faz ter gosto de estar aqui e agora. É por este gosto que desmentimos profecias de que esta vida é inferior a uma futura, idealizada e distante. Como diz Cacique Babau Tupinambá, o que mata nossos adversários é o sorriso.

Em minha tese pesquisando branquitude em uma perspectiva guarani, uma das noções que me deparei foi de que um dos significados mais antigos da palavra branco em guarani seria “aquele que tem a mão fechada”. Isso me fez pensar no quanto há, em alguns espaços, uma

atualização do racismo em uma branquitude de elite que quer, esteticamente, ser vista como antirracista, mas que segue sem abrir as mãos, sem devolver os territórios que nos foram tomados, sem fazer nenhum gesto para fortalecer retomadas indígenas. Por isso que, nessa luta por autonomia, como dizia Fanon, não podemos contar com a arbitrariedade da “boa vontade” de quem nos expropriou e expropria, mas nos fortalecermos de tal forma que esta não seja mais uma escolha sobre nós. Aqui, repensar uma luta apenas pelas vias do Estado é fundamental, já que, ainda que nomeiem como democracia, ainda que seja por meio dos votos, até hoje nenhum governo foi favorável a povos indígenas, pelo contrário. Então talvez não seja o caso de apenas pensar em encontrarmos “bons candidatos” que decidam sobre nós, mas lutar para que ninguém o faça. Para que cada povo volte a ter plena autonomia sobre si mesmo.

Fanon (1968) ilustra essa questão em seu livro “Os Condenados da Terra”, quando comenta que “vimos que nos partidos nacionalistas a vontade de derrubar o colonialismo vive em harmonia com outra vontade: a de entender-se amigavelmente com ele”. No campo de uma política institucional, é como se nunca fosse o momento da crítica, como se a hora de realmente termos o mínimo nunca chegasse, enquanto isso, a relação abusiva do Estado permanece, inclusive com políticas públicas como o encarceramento, como a presença violenta da polícia militar mesmo em governos de esquerda e assim por diante. Com isso, não estou dizendo que devemos simplesmente abandonar as lutas internas nessas instituições, mas estou reforçando o convite para termos uma relação de desconfiança com esses vínculos e, mais do que isso, apontando a importância de termos outros caminhos de luta concomitantes e paralelos. Em nosso povo, por exemplo, ao mesmo tempo que demandamos a demarcação pelas vias jurídicas, temos também as autodemarcações, nas quais reafirmamos nossa memória e nossa relação ancestral com o território, para além dos não indígenas concordarem ou não com isso, para além de seus julgamentos, carimbos e ofícios.

Para além da política institucional, eu acredito mesmo é nas políticas do cuidado, do plantio, dos cantos, danças, poesias, de toda a feitura da vida, realizada pelas parteiras, benzedadeiras, rezadeiras, pelas crianças, essa é a política mais vibrante, necessária e poderosa que temos.

FM - Podemos pensar práticas coloniais também em termos de gênero e dos binarismos que forjam nos nossos imaginários, de modo geral, tais como homem x mulher, natureza x cultura, corpo x mente, amor x amizade etc.? De que modo os "binarismos da colonização" reduzem nossa capacidade de viver política e afetivamente o mundo mais adiante da

"monocultura"? Você poderia nos explicar o que entende por "monocultura"? Também, é possível fissurar as hierarquias impostas por essa divisão? Se sim, de que modo?

GN - Três grandes referências para mim no debate sobre monoculturas são Vandana Shiva (2024), Ailton Krenak (2019) e Mestre Bispo (2018/2015). A Vandana tem uma noção que ela chama de “monoculturas da mente” e que seria justamente esse empobrecimento, estabelecido pela sociedade dominante, da diversidade das formas de ser e estar no mundo. Essa crença teria efeitos na própria monocultura contra terra, que, por sua vez, seria um dos efeitos dessa monocultura da mente. Ailton Krenak (2021), em nosso contexto, também fala sobre monocultura e a descreve como a imposição monolítica de um mundo só. Mestre Bispo diz que a sociedade eurocristã monoteísta não consegue confluir e conviver com a diversidade, porque seu mundo e suas verdades são mono. A partir dessas inspirações, eu proponho o que chamo de sistemas de monocultura, no qual teríamos a monocultura da fé, da imposição do monoteísmo cristão; a monocultura dos afetos, por meio da monogamia; a monocultura da sexualidade, no âmbito do monocissexismo e assim por diante. Embora cada um desses eixos tenha suas especificidades e particularidades, há algo que os une: a impossibilidade de conviver de maneira saudável com a concomitância, com a diversidade, multiplicidade. Por isso digo que a floresta é o antônimo da monocultura, enquanto ela se constitui pela diversidade, as monoculturas se definem pela não concomitância. Para além de uma questão de quantidade, a monocultura não é sobre o “um”, é sobre a afirmação desse “um” mediante a negação, ataque e destruição do que é produzido como o “diferente”, como o “outro” diante dessa norma.

Em minha pesquisa nas cartas jesuíticas, percebi que para os missionários a conversão envolvia uma passagem, uma transição de um polo a outro, ou seja, de selvagem a civilizado, de bárbaro para cristão, de natureza para a cultura, de animal para humano. Para que alguém fosse nomeado como homem ou mulher, era necessário que antes fosse considerado humano, e para ser humano era necessário deixar de ser “criatura” e se tornar cristão. É, portanto, o racismo religioso uma das grandes delimitações do que seria humanidade. Nenhum outro bicho é nomeado como homem ou mulher, apenas o humano, de maneira que o gênero, em nosso território, foi construído como um marco civilizatório, um referencial para desigualdade entre humano e animal. Nesse sentido, homem e mulher não eram, e continuam não sendo, simplesmente descrições biológicas, mas palavras carregadas de um sentido ideológico e político. Os binarismos são inescapáveis desse projeto, já que não se trata apenas de algo neutro em sua dualidade, mas de um sistema de oposições: azul ou rosa, masculino ou

feminino, homem ou mulher. Ainda que haja tentativas de expansão dessas categorias, em geral o que se apresenta é um alargamento da ideia de feminino, uma ressignificação da ideia de masculino, mas raramente se cogita uma desistência dessa chave binária. E aí, volto à questão do reflorestamento do imaginário e da suspeita acerca dos binarismos, pois, para além de pensar em vários femininos e masculinos, pode ser interessante também nos perguntarmos: a crença nesses binarismos é mesmo o único caminho? E se não quisermos apostar em nenhum tipo de masculino, em nenhum tipo de feminino, o que aparece para além disso?

Questionar o binarismo não é negar as diferenças, mas libertá-las da simplificação feita pela própria divisão binária. Por isso que relaciono binarismo com monocultura, quando penso que há bilhões de pessoas no mundo, cada uma com sua singularidade, me parece muito inadequado definir o planeta por um resumo tão precário de características. O sonho das monoculturas é o domínio absoluto, o objeto é que todos sigam o mesmo deus, que todos se relacionem da mesma maneira, que todos se comportem e se expressem da mesma forma, mas a gente pode e é mais do que isso, não é?

Para quem acredita que mulher e homem são simplesmente descrições biológicas neutras, há narrativas como “mulher não é sobre usar maquiagem, ser heterossexual ou usar salto” e aí vem a questão: o que é ser mulher então? É ter útero e vagina, diriam alguns. Contrariando essa descrição, na prática percebemos que ter vagina não é o suficiente para ser considerada uma “mulher de verdade”. Se fosse assim, os setores conservadores não diriam que mulher de verdade é a que constitui família, que é apenas a que é submissa ao marido e ao pai. Também não recriminariam a que raspasse os cabelos, a que andasse com roupas de “homem”, afinal, ela já teria vagina, portanto não teria de fazer nada para ser reconhecida como mulher.

Acreditar que mulher descreve simplesmente as genitálias de um corpo é ignorar que as infinitas formas de violências que sofremos acontecem, não apenas porque temos ou não vagina, mas porque desobedecemos o que é ser mulher. E essa desobediência não está em um órgão do corpo, está, sobretudo, na falta de fé nas crenças que inventaram o gênero para criar o pecado. Tampouco basta a alguém que tenha pênis para ser considerado homem, se fosse assim não existiria homofobia, bifobia ou transfobia, não existiria crime, punição, chacota, constrangimento, expulsão, ódio, pois todos, cis heterossexuais ou não, seriam igualmente homens, mas sabemos, não é isso que acontece. Neste território colonizado, homem e mulher são noções definidas pela heterossexualidade, portanto, talvez possamos pensar que não há por trás dessa ideia normativa de mulher algo saudável e bonito e que talvez ser mulher e homem seja justamente esse amontoado de estereótipos cristãos. Neste mito fundador, deus teria “feito o homem para a mulher”, daí vêm as concepções de que a homossexualidade,

lesbianidade, bissexualidade seriam “não naturais”. Daí também deriva a crença da complementaridade monogâmica, de modo que os discursos conservadores dirão que outras conformações sexuais, entre mais duas pessoas, por exemplo, seriam igualmente “não naturais”. Como assinala Michel Foucault (2005/1999), no contexto das normatividades sexuais quando se diz “isso não é natural” o que se diz é “isso não é de deus”.

Ao contrário dessa imposição que afirma as monoculturas dos afetos e da sexualidade, sabemos que há sim possibilidades de concomitância, que uma pessoa não monossexual, por exemplo, não deveria ser constrangida a ter que escolher “homem ou mulher” para amar e desejar; da mesma forma que uma pessoa não binária não deveria ter de escolher se é homem ou mulher. Para além das identidades, nenhuma pessoa deveria ser invadida pelos binarismos, pois a vida frequentemente é mais ampla do que termos de escolher sempre um ou outro polo, por vezes é amor e amizade, azul e rosa, às vezes outra coisa além, aquém. Não pensamos apenas com a mente, nem sentimos apenas com o corpo, pois ambos são ficções mútuas, o sentir-pensar circula por nós, pelo vento, água, pelos seres não humanos que nos compõem no mundo.

As escolhas não são livres, pois para além de uma série de coerções políticas, sociais, econômicas, de gênero, raça, sexualidade, classe social, nosso “corpo” é um feixe de encontros coletivos, comunitários. Reconhecer essa contingência não deve nos impedir de aspirar liberdades, mesmo que parciais e provisórias. Aliás, não penso em liberdade como um grande sim a tudo, gosto de pensar nela também como um espaço para nossos não's, desde que singulares, próprios, autorais, não movidos por uma terceirização.

Digo isso porque, mais do que se apressar em dizer que dá para ser mulher e homem contestando seus destinos coloniais, talvez possamos cogitar que, se ao desobedecer tais normas somos vistos como menos homens e menos mulheres, isso pode ser um elogio.

FM - *Ainda, parece haver outro elemento indispensável implicado na reafirmação das práticas coloniais que é a noção de tempo cartesiano, linear, sequencial. Como isso se relaciona com a produção de hierarquias e como descolonizar o tempo pode ser um instrumento contra-hegemônico para produzir novas relações no e para o mundo em que vivemos?*

GN - O racismo anti-indígena frequentemente é formulado em torno de uma certa ideia de tempo, por isso as falas racistas dizem que nós somos atrasados, que não evoluímos, que somos infantis, primitivos, selvagens. Nessa passagem e transição, deveríamos deixar de ser

como somos para evoluirmos para um lugar em que tempo seja ordem e progresso. Freud, em Totem e Tabu, diz que povos indígenas seriam a infância do humano, ao passo em que a fase madura, adulta, seria dos ditos civilizados. Essa maturidade e evolução têm seus marcos na branquitude, na monogamia, no cristianismo e embora eu saiba que quando nos comparam a crianças e aos demais bichos, isso é feito com intuito ofensivo, para nós é uma honra sermos associados a esses seres. Há quem pergunte às crianças: “o que você vai ser quando crescer?”, pois não suportam a ideia de que a criança já é alguém, não suportam cogitar que não haverá evolução, crescimento, desenvolvimento, pois o amanhã, o futuro realmente bom estão sempre postos na vida futura, essa sim, seria perfeita. Nessa contraposição, como nos ensina o professor Roberto Machado (2021), vemos que o platonismo inspira profundamente o cristianismo. Para Platão, o tempo seria a imitação, a cópia fajuta da eternidade. Dessa forma, de um lado estariam as coisas verdadeiras, as eternas, fixas e imutáveis e de outro, estariam as coisas inferiores, a vida terrena, que é temporal, que não é fixa nem imutável.

Nessa hierarquia, a vida é desqualificada e todas as relações que, por algum motivo, não obedecem ao critério do “para sempre”, são vistas como fracasso, falha, falsidade. A monogamia, nos parâmetros do Estado, deveria ser caracterizada por um vínculo inquebrantável, indissociável, tanto que a conquista do direito ao divórcio é super recente e ainda hoje segue sendo alvo de ataques e julgamentos morais. Tenho dito que monogamia é menos sobre quantidade de vínculos afetivo-sexuais e mais sobre o tempo, sobre o modo como acontecem. Até porque, a maioria das pessoas monogâmicas nos dias de hoje já teve mais de um vínculo afetivo-sexual, então já não seriam mais, literalmente, mono. O que permanece não é a ideia de ter apenas um vínculo, muitas pessoas têm mais de uma relação afetivo-sexual ao longo da vida, mas seguem se afirmando monogâmicas por não os terem vivido (pelo menos publicamente), ao mesmo tempo. É na possibilidade de concomitância e de convivência que o nó segue atualizado na problemática monogâmica.

Em um sentido mais amplo, também se espera que a sexualidade das pessoas já seja pré-definida e que todes descrevam não apenas seu presente, mas o amanhã, como se fosse possível prever tão acertadamente de modo estaremos em um tempo que ainda não chegou, no campo da sexualidade e para além dela. Até lembro do verso famoso da música que diz, em uma promessa romântica “eu sei que vou te amar por toda minha vida”. Não sabe, não temos como saber de um amanhã que ainda não vivemos, se iremos amar essa pessoa, se será por toda a vida, se será da mesma forma, se será apenas essa pessoa, enfim, há um anseio de previsão e prescrição de futuro que é visto como progresso, evolução, civilização. Nós indígenas não temos o costume de tentar comprar futuros, por isso não há em nossos povos a

acumulação capitalista, que antecipa, por lucro e que com isso fere o tempo e a sazonalidade de cada ser. Como diz nosso parente Ailton Krenak (2020), o amanhã não deveria estar à venda.

FM - *Você nos ensina que a "moralidade cristã" se relaciona diretamente com a violência contra as mulheres e dissidências, que machismo e monogamia devem ser pensados conjuntamente para encararmos com cuidado a violência de gênero. Você poderia explicar como essa combinação se opera e de que modo a instituição "família" está implicada nesse arranjo?*

GN - Como comentei antes, essas instituições que se dizem do bem, da segurança, do cuidado, são, muitas vezes, o lugar mais perigoso para a vida das pessoas dissidentes. Este é o caso da instituição família, na qual boa parte das violências contra crianças e mulheres ocorre. Acredito que para além de políticas de punição às violências cometidas contra mulheres e crianças, contra populações dissidentes da heterocisnorma, o que precisamos avaliar, identificar e combater, coletivamente, são as ideologias que inspiram essas violências. Enquanto o direito ao próprio corpo for visto como algo sujo, pecaminoso, haverá punições, agressões, constrangimentos, violências contra quem desobedece a essa norma.

O feminicídio, por exemplo, se fosse apenas uma violência machista, seria cometida por quaisquer homens, mas pelos dados de pesquisas como o Anuário de Segurança Pública no Brasil (2023), vemos que a maioria dos autores dessa violência são homens com quem as vítimas tinham vínculo afetivo-sexual. Ou seja, é nesse modo de amar que se tem produzido essa autorização para a violência. Como disse anteriormente, quem acredita em uma boa essência da monogamia, acredita que ela não tem a ver com essas violências, mas quando a própria monogamia é analisada, percebemos que ela é uma grande aliada do machismo. A ideia de que “tudo que é combinado é ético” oculta o fato de que há muitos combinados que são violentos. Até pouco tempo, as mulheres tinham de pedir autorização para os maridos para fazer procedimentos como laqueadura, um exemplo dessa ideia segundo a qual, quando casada, o que a pessoa faz de seu próprio corpo não pode ter o consentimento apenas dela própria, mas de um terceiro. Essa premissa é violenta, não seu descumprimento. A quebra desses pactos é acompanhada, em geral, de muita violência, que é praticada também como ameaça pública para intimidar as demais pessoas, para que vejam o que acontece com quem desobedece a norma. Há, no entanto, uma distribuição desigual dessa violência, já que quando

homens cis hétero quebram o pacto de exclusividade sexual, por exemplo, não costumam correr risco de vida por isso, algo que não ocorre com mulheres e outros grupos dissidentes. Apesar de todas essas imposições de monocultura, vejo que tem crescido um movimento em relação a isso, de fortalecimentos coletivos, de grupos não hegemônicos que têm buscado não um outro modelo, mas um não modelo, o que chamo de artesanaria dos afetos. Acredito que, uma vez sendo afetado por essas questões, uma vez se abrindo de fato a esse debate, é difícil seguir olhando a norma da mesma forma que antes. Isso abre espaço também para vivenciar alegrias e experimentações outras que antes sequer podiam ser cogitadas.

FM - *Por fim, de acordo com a cosmogonia que nos apresenta, duas expressões são muito valiosas para pensar caminhos a serem trilhados, tropismo e nomadismo. O que elas significam e como elas podem nos impulsionar a pensar a descolonização dos afetos, entendendo os afetos no sentido de “afetação” (NUÑEZ, 2023, p. 25)?*

GN - Nas cartas jesuíticas há registros de um pecado criado pelos missionários, o pecado do nomadismo. Eles diziam que era impossível catequizar e civilizar um povo em movimento. Por isso tenho dito que a tese jurídica do Marco Temporal também é fruto de um longo processo de racismo religioso que deseja nos manter em reduções espaço-temporais. Nesse sentido, a descolonização dos afetos não deve jamais perder de vista que sem a restituição de nossos territórios indígenas, sem o direito à terra, ao alimento, não há descolonização possível. O povo guarani é justamente um povo que se caracteriza pelo movimento, pela caminhada, é nela que encontramos saúde, por ela cultivamos alegria e encantamento por essa vida, por nossos parentes, humanos e não humanos. É com a terra que há o sonho, a alegria, a vida.

Com esse “nomadismo” não temos tanto medo assim daquilo que muda e se transforma, pelo contrário, é a estagnação que nos alarma. Ir em direção ao que nos expande a alegria, a saúde, o gosto pela vida, é o que me faz lembrar do tropismo, que é esse movimento que algumas plantas têm de buscar se direcionarem ao sol. Tem uma maldição bíblica que diz que as pessoas filhas do pecado deveriam viver com “suor do rosto”, associando isso ao sofrimento, ao sacrifício, mas aqui penso: e se esse suor do rosto também vier da brincadeira, da caminhada, do prazer?

Meu amor não é platônico

Se o planeta é a grande caverna, então celebro minhas sombras

Se o crepúsculo se mostra para mim dessa maneira, não tenho porque ter a arrogância de acreditar que ele é imperfeito, que crepúsculo real é aquele que não vejo

“Há beleza bastante em estar aqui e não em outra parte qualquer”, já dizia Pessoa

Aquilo que existe aqui e agora é mais bonito, vivo, cheiroso, gostoso que qualquer coisa que não existe senão em propaganda

Não tem ideal de perfeição, nem céu ou vida futura que consiga ofuscar a beleza dessa vida, desse amor

A fé naquilo que não se vê pode me ameaçar, pode barganhar, pode fazer o que for, que eu continuo acreditando no que é crível, no que move e se transforma

Não preciso desse amor incrível, ideal, distante

Não quero um amor platônico, quero um amor terrestre mesmo, bem mundano

Não acredito em sobrenatural porque não há nada superior à natureza

Em volta da fogueira escuto, conto e vivo nossas histórias

Meus amores não são platônicos, Reconhecem minhas sombras.

(Geni Nuñez)

REFERÊNCIAS

- BENITES, Sandra. **Nhe’ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola.** TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: FBSP, 2023
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. 3ªed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas.** 8 ed. Tradução Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Prefácio – O Anti- Édipo: uma introdução à vida não fascista. Em: **Ditos e escritos VI: Repensar a política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. **Lugares de origem.** Jandaíra, 2021.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, A. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MACHADO, R. Machado. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. Paz & Terra, 2021.

MARTINS, Silvones. **Brinquedos e Brincadeiras Antigos Dos Guarani De Linha Limeira, Ti Xapecó, SC**. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2ª ed. 2018.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução: Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad.: Paulo César de Souza. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NUÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: Experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Paidós, 2023.

NUÑEZ, Geni. **Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude**. Tese, UFSC, 2022.

PERALTA, Anastácio. A Agroecologia Kaiowá: tecnologia espiritual e bem viver, uma contribuição dos povos indígenas para a educação. **Revista Movimentação: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados**, 2017. P. 1-19.

SANTOS, Antonio Bispo. (Mestre Bispo). **Somos da terra**. Piseagrama, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SANTOS, Antonio Bispo dos. (Mestre Bispo). **Colonização, quilombos, modos e significados**. Brasília, INCTI/UnB, 2015.

SHIVA, Vandana. **Terra Viva: minha vida em uma biodiversidade de movimentos**. Tradução de Marina Kater. São Paulo, Ed. Boitempo, 2023.